



Nietzsche e suas fontes

Prof. Dr. Ricardo Bazilio Dalla Vecchia¹

A famigerada “galeria dos nobres espíritos” (Hegel, 1995, p. 38), é uma invenção da tradicional historiografia filosófica. Nas últimas décadas, com o debate acerca do eurocentrismo e da decolonialidade, muito tem se questionado sobre *quem* participa desta galeria - o cânone. Além de promover, política e geograficamente, uns em detrimentos de outros, uns em detrimento de outras, a disposição, por assim dizer, desta galeria, também disciplina sobre o ordenamento do cânone. Para além de estudar a história da filosofia, prática reiterada *ad nauseam* nos manuais e nos bancos universitários aqui e lá, estudamos a filosofia *como* história, um tipo de história: cumulativa, linear, progressiva.

Assim, as relações que se estabelecem, ou se inventam, entre os filósofos eleitos, passam a obedecer a uma lógica própria, uma espécie de direito sucessório do “tesouro do conhecimento supremo” (Ibid), que o processo formativo nos leva a introjetar irrefletidamente. Estas práticas metodológicas, más práticas, povoam a formação (não só) em filosofia. Lemos Descartes e Spinoza, sem nos perguntar *como* ler. Comparamos Descartes e Spinoza, sem nos perguntar *como* comparar. Parece óbvio que a obra de um filósofo constitui a fonte para a obra de outro. Que haja entre autores, separados no tempo e espaço, ou não, uma herança, uma transmissão, uma continuidade. A usual categorização de autores com prefixos como “pré-”, “pós-”, “neo-” ratifica isso.

Mas, que tipo de ligação efetivamente se estabelece entre os autores? Será que termos como “herança”, “influência”, “recepção” realmente a descrevem? Quais são os critérios utilizados por um autor para selecionar o que lê ou o que não lê? Ler, nesta medida, implica vincular-se, filiar-se, aderir ou recusar, assumir uma dívida? Se um autor recepiona o outro, como usualmente dizemos, filosofar seria uma modalidade de epigonia? Nesta medida, em que consiste a crítica? Uma prática compulsiva de refutações? Um constante reformismo? Pensar, em filosofia, envolve sempre um *com* ou *contra*? Uma adesão ou detração?

1 Universidade Federal de Goiás

Estas e outras questões são tematizadas pela metodologia do *Estudo de fontes*. “[...] que tenho eu a ver com refutações!” (KSA 5, 250), exclama Nietzsche, o leitor/escritor que eleva estas questões a um patamar especialmente difícil. Se elas já requerem uma complexa reflexão metodológica no caso de pensadores que se declaram abertamente herdeiros de outros, como pensá-las no caso de um autor que afirma se servir das fontes ao seu “bel-prazer e com inteira liberdade” (BAW, vol. 5: p. 126), e descreve a interlocução como uma “prática de guerra” (*Kriegs-Praxis*), cujo ataque representa uma “prova de benevolência, ocasionalmente de gratidão” (KSA 6, 274)? Por outro lado, ambivalente, também um filólogo, professor de filologia clássica, que recebeu o título de doutorado *Honoris causa* por seu trabalho técnico e erudito sobre as fontes de Diógenes Laércio. Como encarar as fontes de Nietzsche, um leitor que lia não apenas anotando e grifando, como é habitual, mas também riscando, rasurando, no sentido de corrigir, de contestar, de pichar o texto? Como encarar Nietzsche como fonte, o outro lado da moeda, um escritor que afirmava deliberadamente escrever com interesse de “não ser compreendido” (KSA 3, 633)?

As fontes de Nietzsche foram o mote do *IV Colóquio Nietzsche no Cerrado*, realizado na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, nos dias 23 e 24 de novembro de 2023, de onde provêm os ensaios que compõem este dossiê. Na pesquisa Nietzsche do velho continente, deve-se creditar, elas remetem ao trabalho seminal de Montinari, encampado pela “escola italiana” de Campioni, Fornari e outros. Recentemente, ainda na Europa, ele foi reaquecido pela publicação dos *Nietzsche-Kommentar* (Walter de Gruyter). Entre nós, onde a pesquisa-Nietzsche segue as proporções e a variedade de um país continental, este debate também encontra o seu lugar, e estão conectadas neste dossiê por uma fonte comum, o trabalho e magistério de Oswaldo Giacoia, a quem o dedicamos neste presente ano por ocasião de sua septuagésima primavera.

HEGEL, G. W. F. (1995). *Introdução às lições sobre história da filosofia*. Trad. José Barata-Moura. Lisboa: Porto Editora.

NIETZSCHE, F. (1988) *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA: 15 vols.). Hrsg. von G. Colli und M. Montinari. Berlin/New York: de Gruyter.

_____ (1994). *Werke und Briefe* (BAW: 05 vols.). Hrsg. von H. J. Mette und K. Schlechta. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (1933-1940)

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.